

A PRESENÇA DO DETERMINISMO EM BOM-CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

Rafaella de Queiroz Mendes¹
Sheila Oliveira Lima²

Resumo: O presente artigo é resultado dos estudos desenvolvidos nas aulas e nas orientações do Módulo, disciplina correspondente ao primeiro ano do curso de Letras Vernáculas e Clássicas, e foi elaborado a partir das reflexões em torno do tema literatura. Assim, este artigo é resultado de uma breve pesquisa que tem por objetivo verificar a abordagem determinista dos personagens da obra *Bom-Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, que permitiu que este firmasse a sua reputação na história literária brasileira. Para realizar tal tarefa, procurou-se acompanhar de maneira detalhada a transformação do personagem Aleixo, um dos centrais da trama, no decorrer do livro, e também, evidenciar alguns dos possíveis determinantes que motivam o seu percurso, desde a entrada como grumete de um navio, até a sua inevitável morte por assassinato cometido pelo companheiro Amaro. *Bom-Crioulo* é um romance naturalista que apresenta fortes traços do determinismo, característica fundamental do Naturalismo e também, aborda como tema principal o homossexualismo, no entanto, trata-se de uma obra ignorada na época de sua publicação, e que, somente nos últimos anos ganhou espaço no meio literário e teve seu valor reconhecido. Como fundamentação teórica para o estabelecimento da discussão, utilizamos os trabalhos de Bosi (1970), Compagnon (2001) e Sodré (1965).

Palavras-chave: Determinismo; Homossexualismo; Romance homoerótico.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é expor a partir de uma perspectiva interna (conforme a teoria de Antoine Compagnon (2001)), o determinismo presente na obra *Bom-Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, evidenciando alguns trechos do livro em que é possível identificar a presença dessa característica.

O determinismo, característica fundamental do Naturalismo, está fortemente ligado ao personagem de Aleixo, que primeiramente é apresentado como um moço ingênuo, mas que,

¹Estudante de Graduação em Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: rafa_qmendes@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: sheilaol@uol.com.br

no decorrer do livro, sofre mudanças devido ao meio em que está inserido, e deste modo, termina por ter um trágico desfecho.

Bom-Crioulo é um romance naturalista que, além de apresentar os fortes traços do determinismo, traz como tema principal o homossexualismo.

Vale ressaltar que, somente nos últimos anos, *Bom-Crioulo* ganhou espaço no meio literário, e teve o seu valor reconhecido.

Neste artigo, serão usados como base para o seu desenvolvimento os seguintes livros: *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum* (2001), de Antoine Compagnon, *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970), de Alfredo Bosi e *O Naturalismo no Brasil* (1965), de Nelson Werneck Sodré.

2. Fundamentação teórica

O Naturalismo surgiu na Europa no século XIX, tendo como precursores dois grandes nomes do movimento literário: os franceses Émile Zola e Gustave Flaubert. O primeiro publicou, em 1880, *O Romance Experimental*, e no ano seguinte lançou sua obra-prima *Germinal*, marco do início do Naturalismo no contexto europeu, que para escrevê-la viveu como os trabalhadores nas minas de carvão. Zola buscou inspiração no pensamento científico e na medicina de Claude Bernard, que possuía uma visão determinista.

O outro grande nome do Naturalismo foi Gustave Flaubert, autor da escandalosa obra *Madame Bovary*, publicada em 1857. Flaubert foi o primeiro escritor a trazer para a prosa a preocupação científica que visava a captar a realidade da forma mais verdadeira.

Em Portugal foi Eça de Queiros um dos fundadores do Naturalismo, com a publicação da obra *O Crime do Padre Amaro* (1877).

O movimento Naturalista também é conhecido por ser uma radicalização do Realismo, com abordagem de uma aproximação ainda mais real do homem, em alguns momentos de forma exagerada, porém com novas características como: preocupação com o cientificismo, materialismo, determinismo, zoomorfismo, abordagem de doenças patológicas, uso de palavras grosseiras, sensualismo e, muitas vezes, descrição das práticas sexuais.

Apropriadamente, Nelson Werneck Sodré (1965) descreve:

O realismo, mais esteticizante, embora se apoie no que as ciências do século XIX vinham afirmando e desvendando, não vai até à profundidade analítica do naturalismo, donde advém a sua não-preocupação pela patologia, característica do romance naturalista. A par disso, enquanto o naturalismo implica uma posição combativa, de análise dos problemas que a decadência social evidenciava, fazendo da obra de arte uma verdadeira tese com a intenção científica, o realismo apenas “fotografa” com certa isenção a realidade circundante, sem ir mais longe na pesquisa, sem trazer a ciência. O romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante eles profunda náusea, própria dos sensíveis e estetas. O naturalista, controlando a sua sensibilidade, ou acomodando-a a ciência, põe luvas de borracha e não hesita em chafurdar as mãos nas pústulas sociais e analisá-las com rigorismo técnico mais de quem faz ciência do que literatura. (SODRÉ, 1965, p. 29 e 30).

O Naturalismo brasileiro foi inaugurado no ano de 1881 a partir da influência europeia, com a publicação de “*O Mulato*” de Aluísio de Azevedo, entretanto, anteriormente, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, já apontava características naturalistas. O tema do homossexualismo, anteriormente, já havia sido abordado por outros escritores brasileiros da época, mas não de forma priorizada, sendo possível observar ressalvas sobre o assunto em alguns trechos das obras, como ocorre com a personagem Pombinha, no romance “*O Cortiço*” (1890), de Aluísio de Azevedo.

A obra *Bom-Crioulo* permitiu que Adolfo Caminha (1867 – 1897) firmasse a sua reputação na história literária brasileira. Publicada no ano de 1895, pouco após a Proclamação da República e a difusão do Naturalismo na literatura brasileira, abordava temas ousados, diferentes daqueles em que o público da época era acostumado, como: homossexualismo, crime passional, erotismo, um triângulo amoroso em que o protagonista é negro, sexo inter-racial etc. Na época, a obra não foi recebida com bons olhos, pois se opunha ao discurso moralista daquela sociedade, trazendo ainda o agravante de que seus personagens eram da Marinha Nacional, a qual recebeu com desgosto e rancor a ousadia do escritor, sobretudo por ele ter feito parte da marinha.

Trata-se de uma obra cuja importância foi completamente ignorada na época de sua publicação e, somente nos últimos anos, vem ganhando espaço no meio literário, não apenas como uma obra-prima, mas também como uma forma de denúncia contra os maus-tratos aos marinheiros e às condições em que viviam.

Alfredo Bosi (1970), em sua análise sobre o Naturalismo, descreve a obra *Bom-Crioulo* como:

Mais denso e enxuto [...], resiste ainda hoje a uma leitura crítica que descarte os vícios da escola e saiba apreciar a construção de um tipo, o mulato Amaro, coerente na sua personalidade que o move, pelos meandros do sado-masiquismo, à perversão e ao crime. (BOSI, 1970, p. 217).

Assim a publicação da obra homoerótica demonstrou a coragem que Caminha teve ao escolher seus temas, além de expor o trabalho argucioso que garantiu a modernidade do texto, evidenciando que sua escrita estava muito à frente de seu tempo. Outrossim, revela também força criativa e coragem a audácia em descrever com sensualidade as cenas de amor entre os personagens, explorando forte conteúdo erótico, fazendo com que o leitor realize uma reflexão em torno dos principais personagens da narrativa, Amaro, Aleixo e Dona Carolina, minoria moralmente marginalizada da época.

Lúcia Miguel Pereira ao analisar a obra de Caminha, descreveu:

[...] ousado na concepção e na execução, forte e dramático, humano e verdadeiro, é, a despeito dos senões apontados, com *O Cortiço*, o ponto alto do naturalismo. Há, porém, nele uma grandeza, uma terrível grandeza, a que só por momentos atingiu Aluísio de Azevedo. Denso, cerrado, sombrio, o seu ambiente todo parece augurar as explosões do vício e do crime. Até o mau-gosto por vezes desagradável de Caminha como que torna mais convincente a triste condição dos homens que evoca, oficiais endurecidos pelo hábito do mando, marinheiros desmoralizados por uma disciplina cruel. Gente rudimentar, gente grosseira – mas gente de verdade, obrigando o leitor a sentir a fatalidade do destino que a faz tão miserável. (PEREIRA, 1950. apud. SODRÉ, 1965, p. 192 e 193).

Apesar de ser uma obra conhecida do Naturalismo, ao efetuar uma rápida pesquisa bibliográfica, foi possível encontrar apenas dois artigos de evidente relevância sobre o romance *Bom-Crioulo*, são eles: “*Bom-Crioulo: Um Romance da Literatura Gay Made In Brazil*”, publicado na Revista de Letras – Nº. 28 – Vol. 1/2 - jan./dez. 2006, escrito por Carlos Eduardo Bezerra, e “*O Espaço: Integração e Sentido Investidos em Bom-Crioulo*”, monografia de Rosse Marye Bernardl, publicada em “Letras, Curitiba, (24) 269-279 dez.

1975”. Tal ausência de debate em torno de obra claramente relevante no cenário do Naturalismo brasileiro reforça a hipótese de ter sido e ainda ser considerada pouco palatável ao gosto e mesmo à crítica literária.

Neste artigo abordarei, a partir de uma perspectiva interna, conforme a teoria de Antoine Compagnon (2001), o determinismo presente na obra de Adolfo Caminha.

Bom-Crioulo é uma obra constituída a partir da ideia do determinismo, uma das marcas do Naturalismo, pois os personagens não possuem opções de viverem de formas diferentes daquelas em que estão, já que o enredo possui o princípio da causalidade, que liga um acontecimento ao outro, mas, sobretudo pela falta de “liberdade” individual dos personagens diante dos fatos da vida, sendo influenciados pelo meio, raça ou momento.

3. Análise do corpus

O romance *Bom-Crioulo* centra-se no enredo de três personagens: Amaro, Aleixo e Dona Carolina. Amaro é um ex-escravo que, após a fuga do meio de escravidão, ingressa na Marinha. Na corveta é descrito por todos como um negro forte e alto, “Não havia osso naquele corpo de gigante” (CAMINHA, 2010, p. 28), um marinheiro exemplar, que não arrumava confusões. Porém, ocorrem mudanças, quando o personagem Aleixo, um jovem muito bonito, loiro, de olhos claros, por quem Bom-Crioulo se apaixona, sobe a bordo dessa embarcação.

Quando retornam da viagem feita ao sul, Bom-Crioulo e o jovem grumete vão morar em um quarto alugado, na Rua Misericórdia, no sobradinho da portuguesa Dona Carolina, uma ex-prostituta que, certa vez, Amaro havia salvo de um assalto.

Apesar daquela relação submissa na qual Aleixo é obrigado a viver, tudo continua ocorrendo dentro dos conformes, até o dia em que Amaro é designado a trabalhar em uma nova embarcação e seu chefe mostra-se completamente rígido, dando-lhe folga apenas uma vez por mês.

Durante esse tempo que Amaro passa em alto mar, Aleixo se envolve com Dona Carolina, porém, em um dos retornos de Bom-Crioulo a terra, este não encontra o efebo no sobradinho e sai desesperado pelas ruas, acabando por se embriagar e, assim, ficando

agressivo. Por fim, após uma surra, termina sendo levado a uma espécie de hospital-prisão, onde, após longa estada, descobre que Aleixo está amigado com uma mulher. Tomado pelo sentimento de raiva e traição, encontra uma maneira de fugir do hospital e retornar à Rua Misericórdia, onde após uma breve discussão com o grumete, acaba por assassiná-lo com um golpe de navalha.

O determinismo se mostra presente na construção dos principais personagens do romance bem como de seus inevitáveis destinos. No caso de Amaro, o seu desenvolvimento em um meio prejudicial e a situação de escravidão podem ter sido os motivos para sua formação. Assim, as situações vividas teriam feito com que ele criasse um caráter e uma personalidade que muitas vezes o fizeram tomar decisões rudes e de forma fria. O personagem de Aleixo e as situações por ele vividas, assim como no caso de Amaro, possuem traços ainda mais fortes do determinismo, evidentes em sua falta de atitude perante a “dominação” de Amaro e por aceitar se deixar envolver pela paixão de D. Carolina, uma ex-prostituta portuguesa, que havia passado por alguns casamentos, e que, na obra, é “amasiada” e sustentada pelo açougueiro.

No romance, Amaro é o personagem principal, mais conhecido por Bom-Crioulo, ex-escravo que fugiu para escapar a vida de cativo, tem 30 anos e logo no início do livro, o autor apresenta a sua preferência sexual, relatando suas tentativas fracassadas de manter relações com prostitutas:

Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si como homem; e, mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com “essas coisas”... (CAMINHA, 2010, p. 34).

Aleixo é um jovem loiro, bonito, grumete de 15 anos, o personagem pelo qual Amaro se apaixona, e que acaba sendo corrompido, devido ao meio a que fora submetido. Este será a chave de todo enredo, devido a sua transformação, que deixa, paulatinamente, o lado ingênuo de jovem adolescente para começar a experimentar as malícias que a vida lhe impõe.

O romance inicia-se em uma corveta, cenário que o autor usa para apresentar ao leitor os personagens da relação homoerótica: Amaro que se apaixona por Aleixo, e garante ao grumete proteção, como sugere a fala do primeiro, no trecho: “- Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer coisa, estou aqui, eu, para o defender, ouviu?” (CAMINHA, 2010, p. 30). É nessa embarcação que ocorre a primeira relação sexual entre os personagens, cena que é descrita pelo autor da seguinte forma: “E consumou-se o delito contra a natureza”. (CAMINHA, 2010, p. 43), na qual evidencia sua crítica ao homossexualismo, na medida em que o caracteriza como anti-natural.

No decorrer do livro, o leitor vai percebendo o quanto o jovem Aleixo se transforma, sendo primeiramente descrito pelo autor como um moço ingênuo, “[...] filho de família pobre de pescadores que o tinham feito assentar em praça de Santa Catarina, e estava se pondo rapazinho.” (CAMINHA, 2010, p. 31), e posteriormente, após ter se rendido à proteção oferecida por Amaro, é assim representado:

Habitando-se depressa àquela existência erradia, foi perdendo o acanhamento, a primitiva timidez, e quem o visse agora, lesto e vivo, acudindo à manobra, muito asseado sempre na sua roupa branca, o boné, de um lado, a camisa um pouquinho decotada na frente, deixando ver a cova do pescoço, ficava lhe querendo bem, estimava-o deveras. Essa metamorfose rápida e sem transição perceptível foi obra de Bom-Crioulo, cujos conselhos triunfaram sem esforços no ânimo do grumete, abrindo-lhe na alma ingênua de criança o desejo de conquistar simpatias, de atrair sobre a sua pessoa a atenção de todos. (CAMINHA, 2010, p. 35).

No quinto capítulo do livro o autor deixa de forma implícita ao leitor que Amaro é, naquele momento, o dominador na relação, quando Bom-Crioulo, com o seu poder autoritário sobre o grumete, “exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo...” (CAMINHA, 2010, p. 55), e “[...] o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça”. (CAMINHA, 2010, p. 56). É evidente que Aleixo, nesse momento do livro, é o dominado e que, apesar de não gostar da situação irreversível em que está envolvido, aceita-a.

Finalmente, a partir da metade do livro, o leitor se depara com mais um laço amoroso, surgindo assim a terceira personagem do “triângulo amoroso”. Trata-se de Carolina, dona do

sobrado em que os marinheiros alugavam o quartinho, e que se apaixona por Aleixo, que, novamente, se deixa envolver, submetendo-se, inicialmente, aos caprichos da mulher. Logo após a portuguesa confessar ao seu “bonitinho” que está apaixonada, “- Pois é isto, minha flor: o que eu tinha a dizer é que estou apaixonada por ti!” (CAMINHA, 2010, p. 67), Aleixo se entrega novamente a mais uma nova paixão, “- Valia a pena decerto uma noite como aquela!”. (CAMINHA, 2010, p. 68).

A partir do envolvimento com Dona Carolina, o pequeno grumete assume outra postura, sendo mais firme e autoritário, “[...] exigindo até que ela não recebesse mais o barbaças do açougue. Queria-a para si, unicamente para si, ou estava tudo acabado!”. (CAMINHA, 2010, p. 96), e ultimando Carola a tomar uma decisão, “[...] ou ele, Aleixo, ou o barbaças.” (CAMINHA, 2010, p. 96).

Outro trecho do livro em que Aleixo, anteriormente submisso às imposições de Bom-Crioulo, se porta de forma diferente é quando, ao retornar do navio, encontra a porta do sobradinho de Carolina fechada, o que o leva a desconfiar da portuguesa, e esta por sua vez, para não revelar o verdadeiro motivo da porta fechada, alega apenas, “[...] ... Deu-me uma coisa, um medo...” (CAMINHA, 2010, p. 99), esse tal “medo”, se aplica ao fato de querer esconder o bilhete que Amaro havia enviado a Aleixo, “[...] Eu aqui estou, no hospital, já vai quase um mês, e espero que me venhas consolar algumas horas com a tua presença.” (CAMINHA, 2010, p. 91).

A partir desse momento, evidencia-se que a força inicial daquele homem forte e robusto, havia acabado. Amaro se encontrava em momento totalmente fragilizado e dependente da presença de Aleixo para se sentir melhor.

Foi o envolvimento de Aleixo com Carola que levou ao trágico desfecho sendo assassinado por Amaro, que fugira do hospital após descobrir que o grumete estava amigado com uma rapariga. Entretanto, ao chegar à Rua da Misericórdia, Bom-Crioulo descobre a verdade: o efebo estava se relacionando com Dona Carolina. Assim, tomado pela fúria e se sentindo traído pelo grumete que tanto o estimava, procura Aleixo e, em meio a uma discussão, acaba matando-o com uma navalha, seguindo depois “[...] rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas [...]”. (CAMINHA, 2010, p. 118).

Fica evidente que ao decorrer da narrativa há uma mudança sobre quem está no topo

do poder, ou seja, quem é submetido e quem submete. Primeiramente, era Aleixo quem dependia de Bom-Crioulo, encontrava nele proteção, na medida em que, no momento de sua entrada na corveta, era um jovem indefeso, por desconhecer tal ambiente. Mas, a partir do momento em que se envolve com Dona Carolina, quando Amaro se encontrava preso no hospital, os papéis se invertem. Observa-se, portanto, que, conforme as circunstâncias em que vive o destino o leva ao topo da relação de poder.

Assim sendo, a motivação do assassinato de Aleixo pode ser compreendida a partir de duas principais razões: Amaro não suportar a ausência e a traição de Aleixo, ou não suportar a posição final que o efebo estava ocupando na relação, isto é, o lugar de dominador e, portanto a sua nova posição de dominado.

Para finalizar, faço uma ressalva sobre a zoomorfização, outra característica intensa no romance, presente, sobretudo nas cenas em que Amaro e Aleixo se entregam aos prazeres. Bom-Crioulo é descrito como um touro, “Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...” (CAMINHA, 2010, p. 56); Aleixo, por sua vez, na visão do negro é descrito como uma mulher ou fêmea, reforçando ainda mais a condição animal, “Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!...” (CAMINHA, 2010, p. 56).

4. Considerações finais

Após analisar o romance homoerótico de Adolfo Caminha, posso evidenciar que foi a transformação de Aleixo que o levou ao seu trágico desfecho que está atrelado ao determinismo, talvez por sua pusilanimidade em tomar decisões perante a Amaro, mas, sobretudo, perante a ideia de que o indivíduo é determinado pelo meio, quando Aleixo se deixa envolver pela deslealdade de Dona Carolina, o que, por fim, resultou em sua morte.

No caso do personagem de Amaro, que se apaixona e define por esse amor, ressalvo que, apesar de querer como posse o jovem grumete, as circunstâncias foram requisitos determinantes para que colocasse fim à vida de Aleixo, o que demonstra que voltou a ser o antigo negro rude do início do livro, disposto a todo tipo de violência quando provocado.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 3ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.